



Fundado no Sesquicentenário  
da Batalha do Seival

# O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

## 20 anos do IHTRGS

Ano 2007

Nr 50

### MATEANDO COM OS SANTOS

#### 2º Lugar no Encontro de Artes e Tradição Gaúcha - ENART 2007 - Categoria Conto Literário Gauchesco - Juarez Nunes da Silva (\*)

O dia... era como todos os outros, mas apenasmente, era uma quarta-feira. A hora? Nem pra tarde, nem pra manhã, pois o “poncho dos pobres”, dependurado no barrote mais alto do mundo, bem no centro, alumiaava a orbe como candelabro de catedral, sem espalhar sombra pra lado nenhum. Quente? Uma barbaridade, pois eu estava suando mais que cavalo gordo em véspera de chuva, seguindo a passos largos aquele peão pilchado de branco, que até tinha ares de posteiro. O tal, de olhar muito firme, nariz apontando pro céu, como a querer cheirar essências divinas, estava à minha frente num passito aligeirado de lançador de bochas, quando derrepente, surge por detrás da coxilha a quinha de um varandão – um capricho da arte da carpintaria, feito de tábuas de pinheiro nativo. Por sinal, me parecia até um comprido galpão de CTG, bom pra se dançar afigurado. Fiquei inquieto como galho de sarandi no vento, ao ver na crista da cumeeira, bem instalado, um corvo solito. Aliás, corvo sempre anda em comitiva e aquele estava de escoteiro! Até ‘percurei’ em volta, bombeando alguma carcaça de rês ou novilha morrida de alguma peste, mas... nada vi que justificasse a presença do indesejável mangrullo carniceiro. E fui me chegando pra porta do varandão, despacito, e naquela de cuidar da ave de capa preta, perdi de vista o meu sinuelo de pilchas brancas. Postei-me em frente à entrada, que nem porta existia, e o que vi, me deixou faceiro como calhandra em varal de charque: no atravessar o baldrame, havia um fogo de chão, com um trafugueiro de angico queimando na pressa de manter a água do mate no ponto. Escarrapachado num cepo acobertado por um pelegão de merino, tava lá um índio velho, trajado com uma roupagem esquisita – até parecia artista de película antiga, numa calma e serenidade como tarde em ressolana.

Gritei um “*Buenas Tardes*” de ecoar nos quatro cantos do rancho, e já levei um pito: “*Tchê, por mais que meu cabelo entordilhado denuncie, eu ainda não sou surdo... e... proseie mais baixo pra não anarquizar a reunião que se passa no aposento ao lado! Mas*

*te abanque criatura, sorva um mate, e... qual é a tua graça?* “Apanhei a cuia estendida e sem perder o entono, respondi forte, denovamente: *“Salustiano!”* Bah! O meu grito deve ter doído nele como fincada de espinho de juá, que o tal me deu uma daquelas olhadas de capincho gordo. No soflagrante, antes que levasse outra carraspana, já perguntei: *“E vosmecê, como se chama?”* Sério como estampa de viúva, ele me respondeu: *“Expedito!”* Pra mim, foi como uma picada de mutuca. Daí que eu entendi a “parecença” do tal e o porquê do corvo solitário: vestido com uma túnica bege, pouca armadura, capa encarnada, sandálias trançadas até a altura dos joelhos... era o próprio Chefe Legionário Romano estampado nos santinhos que andam por aí...o Santo Mártir da décima-primeira hora, o Santo Expedito das causas urgentes! Meu Deus, será mesmo que eu tinha batido com a alcatra nas carquejas – tinha sido carregado com os pés pra frente - e estava mateando no céu? E não é que perigava ser verdade? Daí que me dei conta do assucedido no intróito da minha chegada por aqui. Pois lhes digo. Num upa, quando me dei por conta uns pares de minutos atrás, tava eu extraviado numa bicha de gente, interminável como sermão de padre em festa de padroeiro – uma gentama que brotava que nem água em manancial. E eu, encolhido como tripa na brasa, ia sendo levado por aquela turba que se acotovelava e esfolava os “garrão” num empurra-empurra medonho. Pra dizer a verdade, não sabia do que se tratava e nem o que eu fazia por ali, até que ouvi uma voz me chamando: *“Oh, ooh, tu aí tchê! É... tu mesmo, que tá mais sério que cusco em chalana! Te aproxima pra cá!”* Me fiz de desentendido, pois fiquei sestroso que nem graxaim vendo o galinheiro aberto, receoso de sair dali e perder a minha vez na tal bicha, que nem sei pra que servia. Logo à minha direita, um vivente com voz de leiloeiro de feira agropecuária, insistia: *“Tchê, tu acha que eu sou vesgo? É pra ti mesmo que eu tô olhando! Venha pra banda de cá!”* Pois seja o que o “Lovado” quiser e sai daquele entrevero. Foi aí que eu enxerguei um “baita” balcão, da altura de uns dois andares, longe de onde estava há uma légua de distância. Havia alguém lá em riba esfolando os cotovelos, mas eu nem pude ver o semblante da tal autoridade e, nem “percisou”, pois o índio velho que me tirou da bicha me confidenciou: *“Aquele lá... de melena e barba branca é o dono da chave.”* Pensei, *“que chave?”* E o outro respondeu: *“A chave do céu, tchê, e tu não te boboia que eu te boto de volta neste “redevu” e tu corre o risco de não ser apartado pelo velho Simão!”* Fiquei acoquinado e achei aquela charla duvidosa como rengüera de cusco, mas bebi o angu por fervido. Será que eu tinha morrido e tava no brete celeste do aparte? E o velho Simão que ele se referiu, “acauso” não era São Pedro – o capataz da Estância do Céu? Fiquei tonto como cabrito em campo de várzea e tinha receio de saber se tava no céu mesmo! Mas, bueno, segui o tal, que se postava importante como irmão de noiva de cabo velho. Saímos dali afastando com as mãos umas cortinas de algodão cru, e nos dirigimos para uma porta por onde entrava uma claridade medonha, e o aroma que vinha dali, me deixava muito à vontade – era o perfume de macieiras e pasto verde. Passamos por um grande mangueirão de pedra e cruzamos uma cancela de varejão, seguindo num carreiro feito pelo gado, que subia a coxilha. Foi então que percebi que o vivente que me apartou dali, tava de pilcha branca, e o resto... eu já assuntei. Mas,

então, deixando de lado os pormenores do assucedido, quando me dei por conta, tava de joelho segurando a cuia numa mão e fazendo o sinal da cruz com a outra - nem sei se espalhei corretamente os nomes dos santos pela cara. Sem saber se podia olhar diretamente pro santo, perguntei: *“Aqui é o céu?”* Ele respondeu: *“É..., mas já foi um pouco mais tranqüilo, o que dá direito ao pé-de-peia ficar se rindo no andar de baixo. Veja aquele borralho – apontando com a ponta da espada um fogo de chão apagado num canto do galpão – já faz tempo que os anjos não mateiam ali, contando os seus causos das lidas com os viventes ou trombeteando as suas canções. A xiruzada de asa tá virando direto 24 horas de guarda, sem folga, cuidando do povaréu! A lida tá mais pesada que pastel de batata!”* Mais perdido que grão de ervilha em feijoada, questionei: *“Mas, que mal lhe pergunte... onde estão os outros santos?”* E o soldado celestial respondeu: *“Tão aaali - fazendo légua de beijo - atrás daquela porta numa reunião do Conselho Divino. Eu até saí um pouquinho pra tomar um ar... Veja meu filho: há muito que não nos sobra tempo pra ficar um pouco “devarde”. Uma vez, os viventes agradeciam as graças com mais freqüência e nós, ficávamos aqui ‘escuitando’ os louvores, entre um mate e outro. E agora, viraram pedinchões! Gente pra louvar as graças recebidas lá em baixo, tá mais difícil que encontrá caveira de burro!”* Nisso, devolvi a cuia pro Expedito, afinal de contas, era ele o cevador. Então, ele encheu o mate, deu uma gerveada com gosto e continuou a prosa: *“Não lembro mais quando foi a última vez que a Santa Bárbara andou por aqui. Tá na lida com essa folia de ciclone, temporal e raio, e o povo só se lembra dela quando troveja! E o São Paschoal Bailão, anda dando pinote que nem cobra mal matada, com esta conversa de ‘tché music’ e maxixe nos CTGs. Há horas que ele não vem tafulerear por aqui, fazendo rimas e contando causos. Por último, ele tava enredado que nem carrapicho em cola da vaca roceira, numa reunião baguala com o Pedro Raimundo, o Honeyde Bertussi, o Caetano Braun, o Bília, o Teixeira, o Gildo de Freitas e mais uma porção de artistas numa conversa medonha, pra ele acudir as cantorias e ritmos gaúchos que estão em vias do destrambelho... Te digo: a “cosa” tá mais braba que sarna da preta!”*

Nisso, a tal porta se abre e sai lá de dentro um “índio velho” com pouco cabelo e barbas compridas, com ares de santidade, trazendo sob o braço um baita dum livro. À frente dele vem um leão com o olho esquerdo arroxeadado e com os quartos lanhados de unha, que se rebolcou junto ao meu lado (cheguei a balançar o corpo como pelincho no arame). O velho, era o São Jerônimo, sacudindo a cabeça e proseando em reprovação: *“Mas que barbaridade... a gurizada não quer mais saber dos livros, só da tal internete, eme-esse-ene, orcute... e o serviço... ninguém mais quer saber de trabalho... só de emprego...!”* Perdido como pulga em favo de bombacha, o jeito era eu estender a badana na conversa. Mas antes, dei uma de enturmado e gentil, e alisei a juba do tal leão. O bicho-fera me deu uma olhada de aruá, como a dizer: *“tu quê manchá os ‘argodão’ das cueca?”* O velho santo foi se chegando pra perto de um janelão e sentou-se com o braço escorado pra fora, bombeando longe. Logo, no palmeio do porongo, a cuia lhe chegou à mão. Então, assuntei o “São Jeromo” pra saber o que tinha acontecido com o olho do mascote, e o “alimalzinho”, azedo como figo brabo, virou a

anca pro meu lado e me deu um guascaço de cola nas costas, de sacudir poeira. O Santo, então, botou a carreira fora: *“Pois este gadelhudo podia tá lá fora comendo boa fruta, bebendo água fresca, tirando uma soneca na sombra do chorão, mas ta aqui emangueirado. A bicharada prometeu tomar emprestada a faca do São Bartolomeu e lhe tosar a juba, por ele andar fazendo lambança por aí. Não é que ele se meteu de laçao com o cavalo do São Jorge, saltando de um barranco no pescoço do beijudo branco, pra lhe assustá, e levou uma patada de virar cambota? Não satisfeito, ficou de campana sobre uma figueira lá no capão das amoras e saltou urrando sobre os leões do São Marcos e do São Vito que tavam entretidos contando causos. Ele levou uma tamina de laço, fugindo com o recavem todo riscado de unha! E com a lida atucanada por aqui, não nos sobra tempo pra cuidar dos bichos. Deixa estar que... a passarada do Assis se foi a la cria prum pinheiral lá pra baixo, atiçados por um bando de gralhas comunadas com pagagaios maitaca; o cavalo do São Jorge anda de lombo duro, dando manotaço e não está querendo mais deixar por o lombilho; o corvo do Expedito não sai de riba do rancho agorando qualquer ‘alimal’ que cruze aqui na frente; as serpentes que o São Patricio expulsou, perderam a vergonha e andam desfilando no terreiro e até mamando nos “ubre” das vacas da Santa Perpétua; as ovelhas da Santa Inês, se foram mato à dentro corridos pelos cuscos do São Roque e do São Lázaro; os porcos do Santo Antão arrebutaram a cerca de achas da horta do São Bernardo e comeram todas as morangas maduras.”* São Jerônimo regulou o “forgo”, sorveu uns dois goles de mate e eu puxei assunto: *“Mas, que mal continue perguntando... cadê o resto dos santos?”* O Expedito pigarreou e puxou a charla: *“O São Floriano, com esta seca medonha, anda ocupado apagando fogo das matas e de vez em quando, lhe chamam pra dá uma bombeada nas queimadas de campo ali por Vacaria, Bom Jesus e São Chico. Por falar em São Chico... o de Paula, anda muito requisitado pelos pescadores, pois a peixarada tá sumindo, uma barbaridade!; há tempos que a xepa não tem mais gosto, pois a Santa Zita e a Santa Marta que cuidavam da bóia por aqui, estão muito requisitadas. Aliás, o dragão da Santa Marta e o do São Jorge, um dia destes, andaram se estranhando. Uma rabanada, sem querer, no cogote do outro, terminou num cospe-fogo medonho, causando um incêndio no trigal do Santo Isidro. Houve uma pausa pra limpar a garganta e eu aviventei as brasas na minha curiosidade: “Mas tem algum santo ‘devarde’ por aqui? Nisso, me entra no galpão, numa pressa de garçom de quermesse, outra santidade, que responde: “Mas é claro que tem! E o “bixo-velho” tá ali na volta do riacho, debaixo de um cinamomo, palmeando um caniço!”* Todos ficaram se olhando e o São Jerônimo, com cara de vaca encilhada perguntou: *“Mas tu tá falando de quem? E o recém-chegado respondeu: “O Tonho! Acauso vocês tem escutado algum pedido de casamento uns ‘par de mês pra cá’? Pois é, casamento já era, o negócio agora é “ficá junto” ou se “amigá! E o Expedito confirmou: “Pois é, taí uma “cosa” que eu concordo!”* E quem era a santidade que havia chegado, pialando a conversa e o mate?” Num já, o Expedito me assoprou: *“Esse aí, é o Judas Tadeu, o das causas perdidas. Tá vendo que ele deixou a alabarda dele encostada do lado de fora? Cuide que ele veio só buscar fogo e já vai sair num haja-e-haja!”* Mas a “cosa” ia indo nesta charla de prenúncio de

anarquia celeste até que, me aparece outro santo na porta do rancho, suado que nem tampa de chaleira. Ao me ver, vem me cumprimentar ao estilo gaúcho: *“Buenas, eu sou o Hipólito. E tu tchê, quem és?”* Respondi direto como goela de João-Grande: *“Salustiano, seu criado!”*

O Expedito tomou a palavra e questionou o visitante: *“Que canseira é esta Hipólito? Acauso tu tava paleteando lebre?”* E ele respondeu: *“Chô-égua! Nem te conto! Não é que meu cavalo deu pra fugir como burro guacho! Não fui encontrar ele com mais uma bagualada correndo carreira em campo aberto? E quem disse que ele me deixou por o buçal? E tava lá também o Martim, o Pancrácio, a Joana e o Henrique, brabos que nem cotiara, correndo atrás dos seus ventenas. Pelo que me disseram, foi o cavalo do Jorge quem desencaminhou a cavalada, e ainda corria aposta, entre eles, de cargueiro de milho, aveia e até fardo de alfafa nos tiros de quatrocentos! E vou quebrar o sabugo de uma vez: tava lá as mulas do Mendonça e os camelos do Mennas correndo na penca! A ‘cosa’ tá mais perigosa que ginetear com bocal de pano!”* Mas, deixa estar que a erva tava lavada e o Expedito me embuçalou como burro de piquete: *“Tchê, tu que estás aí alpedado, apanhe um pouco de erva e encilha este mate!”* Fui até uma tulha, abri a tampa e não tinha erva nem pra remédio: *“Santo Expedito! Aqui não tem nada!”* E ele respondeu: *“É mesmo, o Cosme e o Damião ficaram de trazer uma ‘pura-foia’ lá do erval do Santo Inácio e eu nem lembrava mais!”* “E agora – perguntei - *Santo Expedito? Santo Expedito... Santo Expedito...!*” Nisso, ouço uma voz feminina mui familiar: *“O que tu tá fazendo aí meu veio? Quem é que tu tá chamando? O que é que tu tá ‘percurando’ aí no baú dos trem de cama? Saí daí e vem dormi que já tá amanhecendo!”*

Quando assumi o domínio da carcaça velha, me vi de joelho no escuro revirando o baú dos lençóis e cobertas lá de casa, procurando a erva do Expedito! Tinha me acordado de uma camperiada lá no céu, que me valeu uma mateada com os Santos, que por sinal, eram flor de gaúchos! Voltei pro catre com cara de quem achou lechiguana sem mel e me benzi um lote de vezes, louvando pelo retorno ao meu rancho – e é claro, por não ter morrido ainda. Pra prenda que me olhava com os olhos de patação, falei: *“Muié, prá encurtá o relato, te digo que tive uma audiência com a capatazia do céu! Deixando de relambório, de hoje em diante, chega de ser pedinchão, exceto pela saúde pra que duremos uma barbaridade de tempo – até vou largá dos vício. Vamos agradecer pela vida que levamos, por que tá ‘loca de especial’ por aqui, e ainda é cedo pra entrar naquela bicha do balcão do Simão Pedro. Pelo menos até que as ‘cosa’ se acalmem lá em riba, os santos arrebanhem toda aquela bicharada, coloquem as prosas em dia... tirem uma sesta daquelas caprichadas pra descansar o lombo... isso ainda vai longe minha véia! Prá todos os santos que eu vi e os que não enxerguei... gracias pela vida e por estar aqui novamente pra continuar minha campereada nesta terra macanuda de boa!”*

(\*) Tradicionalista; Membro do Instituto de História e Tradições do RGS e Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

.....

Glossário de termos gauchescos:

- *poncho dos pobres*: o sol; - *bombeando*: observando; - *baldrame*: viga de madeira para sustentar uma parede ou apoiar o barroteamento do assoalho; - *trafugueiro*: pau-de-fogo, lenha que mantém o fogo de chão aceso; - *escarrapachado*: sentado à vontade; - *merino*: raça de ovelha lanuda; - *ressolana*: soalheira muito forte (sol); - *capincho*: capivara; - *soflagrante*: imediatamente; - *mutuca*: mosca grande cuja picada é dolorosa; - *bater com a alcatra nas carquejas / ser carregado com os pés para a frente*: morrer; - *sestroso*: esperto; - *graxaim*: mamífero carnívoro, semelhante ao coiote norte-americano; - *Lovado*: Deus; - *redevu*: confusão; - *acoquinado*: intimidado; - *rengüera de cusco*: mentira; - *cabrito em campo de várzea*: fica confuso, pois gosta de andar empoleirado em escarpas; - *cancela de varejão*: porteira feita com palanques horizontais que são deslocados para o lado, um a um, para abrir passagem; - *pé-de-peia*: o diabo; - *borralho*: braseiro coberto de cinzas; - *devarde*: de balde, a toa; - *gerveada*: mateada, sorver o mate; - *tafulerear*: divertir-se; - *enredado*: embaraçado; - *destrambelho*: sem juízo; - *rebolcar*: movimentos rápidos; - *pelincho*: ave insetívora que tem cauda de pontas brancas; - *estender a badana*: puxar conversa; - *aruá*: bravo; - *botar a carreira fora*: contar um segredo; - *cerca de achas*: cerca de tabuas cortadas a facão ou machado; - *forço*: fôlego; - *charla*: conversa; - *cara de vaca encilhada*: sem jeito; - *Tonho*: Santo Antonio; - *pialar a conversa*: intrometer-se na conversa; - *alabarda*: lança com lâmina pontuda, com um pequeno machado na parte inferior; - *buscar fogo*: visita rápida; - *haja-e-haja*: sem perder tempo; - *ventena*: desordeiro; - *quebrar o sabugo*: entregar o jogo, contar segredo; - *penca*: corrida de vários cavalos; - *alpedo*: sem fazer nada; - *encilhar o mate*: reformar o mate; - *tulha*: caixa de madeira para acondicionar farinha, ervamate, açúcar, etc...; - *pura-foia*: erva-mate forte, com maior quantidade de folha moída; *carcaça velha*: corpo; - *catre*: cama rústica; - *olhos de patacão*: olhos graúdos; *patacão*: moeda antiga de prata que valia 2.000 réis; - *relambório*: *dessinteressante, sem graça*.

Editado pela Delegacia da AHIMTB no RS – Delegacia General Rinaldo Pereira da  
Câmara – Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – Delegado  
lecaminha@gmail.com